

A questão da memória n'*A idade do Serrote*

Luciana Gomes de Mello Baião¹

RESUMO:

O trabalho objetiva fazer uma síntese da obra memorialística de Murilo Mendes *A Idade do Serrote* abordando os principais pontos desta, ao passo que delinea um pequeno trajeto para sua leitura e compreensão.

Palavras-chave: Memória; Idade; Serrote

A Idade do Serrote

“Cedo, a iniciação às Parcas: vejo morrer um primo na casa paterna”.

No pequeno fragmento citado do “livro de memórias” de Murilo Mendes; *A idade do Serrote*, encontra-se surpreendente chave para sua compreensão. As Parcas, deusas que fiam, dobram e cortam o fio da vida, são como a memória do escritor que faz o tempo vivido (narrado) ser recortado, montado e passado pelo filtro veloz da imaginação de Murilo. A morte do primo pode ser traduzida como símbolo da temporalidade apreendida do mundo material. Temporalidade que Murilo tenta conter em sua busca intemporal, no jogo de seu olhar, em sua crença na eternidade.

¹ Curso de Letras. Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

A MEMÓRIA FRAGMENTADA

“Aliás, quando narramos coisas verdadeiras, mas passadas, é da memória que extraímos, não as próprias coisas que passaram mas as palavras concebidas a partir das imagens que elas gravaram no espírito com impressões, passando pelos sentidos”.

Desta afirmativa de Santo Agostinho, pode-se concluir o quanto o fato vivido se difere do fato narrado. Por um lado, pelo fato de o mundo não poder ser compreendido em sua objetividade, mas filtrado pela consciência e intencionalidade de quem o vê. Por outro lado, a própria condição da memória, que é sempre falha, fragmentada, fato que torna a apreensão da realidade ainda mais frágil e inacessível pelo lapso de tempo existente.

Assim é que em *A Idade do Serrote*, as memórias de um Murilo menino e adolescente, parecem recortadas em *flashes*, num entrelaçar de planos e montagens que lembram demais a linguagem do cinema.

É a impossibilidade de apreensão do real que leva a sua fragmentação, e Murilo é, neste contexto; “*O voyeur que olha, o curioso. Sempre que podia espiando formas no buraco da fechadura*”. É importante ressaltarmos que toda memória é uma confissão parcial, unilateral, realidade interpretada e deformada pelo ponto de vista do sujeito. É neste momento que aparece o paradoxo da obra em questão: se toda autobiografia aproxima-se da ficção, *A Idade do serrote* que é antes de tudo ficção de memória, acaba sendo ficção dentro de uma outra ficção.

Na obra trabalhada aparece também o “fluxo de consciência” que não deixa de aproximar a linguagem Muriliana da linguagem pluripartida do cinematográfico e pode ser entendido pela travessia que toda recordação (com seus cheiros, espessuras e sons) faz entre o tempo físico (cronologicamente medido) e o tempo psicológico.

É o que vemos, por exemplo, no capítulo intitulado *Sebastiana*:

“...Sebastiana deixa esguichar seu leite pro meu irmão menor José Maria, é do leite que vêm as histórias que ela nos adormece, talvez eu ainda não entendesse o que é torre, nem madrasta, nem varinha de condão, nem princesa encantada, ou melhor, sabia e não sabia, nunca se sabe direito o que sabe ou não, que eu de noite na caminha procuro o braço de Sebastiana e encontro o vazio esquerdo, quem sabe tem tatu para atrapalhar, não sei se tatu aparece também no quarto, sinto o rato pra lá pra cá cheirando o escuro...”

Mas se a memória é sempre fragmentada, ela é também memória que fragmenta em dois: o *eu narrativo* e o *eu personagem*. Assim é que n’*A Idade do Serrote*, em “um só tempo”, dois

“Murilos”, um narrador que conta uma história vivida na infância e outro narrador-personagem que encarna-se nos acontecimentos passados e os revive através da memória narrativa. Porém esses dois narradores convivem dentro de todo o livro; às vezes é um Murilo criança falando como adulto, às vezes é um Murilo adulto falando como criança.

“Hoje é domingo. Analu traz um vestido azul com uma larga faixa branca, botinhas preto e branco com botões; cabelos cacheados, nariz arrebicado. É extremamente faceira, fértil em ademanes e gatunices”.

O menino de nove ou dez anos que encontra-se com Analu, não é o mesmo que usa as palavras sublinhadas. Este é o outro e o mesmo; é Murilo adulto. Este deslocamento da narrativa denota, ainda mais, a impossibilidade de recapturar o tempo vivido pelo “menino-personagem”, pelo “adulto-narrador”.

O DUPLO OLHAR DE MURILO

“Assim o universo em breve alargou-se-me. A mitização da vida cotidiana, dos objetos familiares, enriqueceu meu tempo e meu espaço, tirando-me o apetite para os trabalhos triviais; daí minha falta de vocação para um determinado ofício, carreira, profissão. “Quel siècle à mains!” segundo Rimbaud.”

“O prazer, a sabedoria de ver, chegavam a justificar minha existência. Uma curiosidade inextinguível pelas formas me assaltava e me assalta sempre, ver coisas, ver pessoas na sua diversidade, ver, rever, ver, rever. O olho armado me dava e continua a me dar força para a vida”.

Murilo Mendes finaliza seu livro em prosa com os trechos transcritos acima e dá-nos uma síntese interpretativa da essência de toda *A Idade do Serrote*. Na verdade, trata-se do desenrolamento dos fios do tempo aliados à busca do eterno, da essência de todas as coisas. É a mesma luta presente em toda obra do autor, entre tempo e eternidade, forma e conteúdo, matéria e espírito.

Inicialmente, em cada tema abordado, mostra-se o olhar do Serrote, ou seja, o olhar fragmentador do mundo, o olhar do adolescente em pleno despertar de sua sexualidade, encantado pelas formas femininas, o olhar que apreende sob a perspectiva agressiva, e porque não terna do Serrote, todos os fenômenos do mundo, todos os entes e fatos temporais. Porém,

procura nestes sua causa absoluta, sua essência e finalidade dentro de sua própria mitologia, de sua arqueologia presente n’*A Idade do Serrote*. Desta forma, nega a ordem temporal sucessiva, ou mesmo qualquer tempo, pois entra no misterioso terreno do mito, do tempo primordial.

O Serrote aparece nesta duplicidade, neste jogo entre o temporal e cortante do mundo real, e o reino do absoluto mitológico. A infância aparece como a idade em que formamos nossa própria mitologia, paralela à própria mitologia da origem do mundo. Assim, Murilo inicia-se na ciência do bem e do mal, descobre a cor preta e a branca, inicia-se na música e no fogo em sua vida, deseja mulheres que se tornam fontes supremas do eterno feminino. Em uma interessante dialética, em que as coisas postas no tempo servem de travessia para o mundo das idéias, a formação de todos os arquétipos.

Os elementos autobiográficos, embora marcantes, quase nunca aparecem emoldurados por referências espaço-temporais muito nítidas, mesclando-se sempre a qualidades supra-pessoais. Há a total transfiguração e recriação do real pelo olhar grandioso e cortante de Murilo. O que coloca seu romance, na condição postulada por Ortega y Gasset, a cerca do romance moderno; “uma arte antes de figuras que de aventuras – uma arte que não narra o mundo, mas o cria”².

A NOSTALGIA DO MODERNO EM MURILO

Com relação à obra trabalhada (*A Idade do Serrote*), podemos concluir que no contexto de modernidade toda obra e vida de Murilo se fundem na tentativa de criar uma mitologia própria, que se quer grande e abrangente e que não precisa ser necessariamente confirmada pelo mundo científico ou histórico. A pertinência de tal criação deve-se ao fato de que a maior parte dos poetas modernos intentaram o mesmo.

A questão da memória e do tempo, presentes no romance, é filtrada pela mitologia pessoal do autor, que é extremamente entrelaçada à mitologia cristã, e, dentro desta visão, a “queda”, em virtude da falta do primeiro casal, desencadeou a primeira e decisiva inversão, colocando o mundo de cabeça para baixo. O que Murilo tenta fazer é “reorganizar” este mundo, trazendo-o à sua situação originária, onde encontra-se excluído o tempo histórico e tudo repousa em um eterno presente. Porém, conforme já foi mencionado, o intemporal cristão é abordado dentro da modernidade d’*A Idade do Serrote*.

² É um pouco do que fala Guimarães Rosa em Grande sertão: Veredas, ou seja a idéia do verdadeiro, do falso e do inventado.

A nostalgia de Murilo, não é só por sua infância e adolescência em Juiz de Fora, mas por todo um tempo próprio do mito cristão, do “paraíso perdido”, que é também a nostalgia da própria modernidade, em que o mundo parece deflagrar a total fragmentação e ruína. É neste mundo e tempo que Murilo tenta a reinvenção de outro mundo e de outro tempo.

“O tempo atual, superado por um tempo de outra dimensão, e que não é aquele tempo. Temporizemos.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

MENDES, Murilo. A Idade do Serrote. Editora Sabiá, 1996.

MOURA, Murilo Marcondes. Murilo Mendes – A poesia como totalidade. São Paulo, Edusp, 1995.

NUNES, Benedito. O Tempo na Narrativa. Ática, 1998.